

Uma imagem de escola que conheço

Talita Malheiros (PROPED/UERJ)
Rafaela Rodrigues da Conceição (PPGEdu/UERJ)

É POSSÍVEL DECOLONIZAR A PRÁTICA PEDAGÓGICA?

Mais uma aula de Artes Visuais se iniciava em 2019 em uma escola pública da rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro, na zona Oeste. Seria o início de algumas conversas sobre Arte e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Imagem 1 – Continente Africano



Fonte: Google

Com uma imagem colorida e estilizada do continente africano projetada no quadro, uma pergunta foi feita em uma turma de 5º ano do primeiro segmento do ensino fundamental: - Quando a palavra “África” é dita, o que vem à mente de vocês?

Tão logo alguns termos começaram a ecoar em uma turma de quase quarenta alunos: fome, miséria, deserto, guerras, savana, desnutrição, negros, cabelos crespos, pobreza e pessoas ruins.

O que estaria motivando a fala dessas crianças? A maioria era negra, por sinal. Por que outras palavras não foram ditas? Quais vivências, experiências ou silenciamentos aquelas crianças estariam deixando se revelar durante a aula? Estes foram alguns questionamentos que me atravessaram naquele momento.

Sendo o “exercício da palavra um prelúdio para toda a aprendizagem” Rancière (2020), era preciso escutá-los com atenção, de tentar compreender – ou não, que suas falas eram o resultado das múltiplas relações que se estabelecem ‘dentrofora’ (ALVES, 2019) das salas de aula.

Naquele momento foi entendido que era preciso buscar outras formas de tecitura de ‘prácticasteorias’ curriculares. Novos discursos, imagens, sons e histórias precisariam ser oferecidos àquelas crianças ávidas por ressignificações. A partir de então e possibilitado pelos usos das artes, movimentos de (des)territorialização e ‘conhecimentossignificações’ (ALVES, 2019) foram criados ou recriados, passando a compor as ecologias cotidianas ‘praticantespensantes’.

Imagem 2 – Representação da Filosofia Ubuntu



Fonte: Google

Os/as estudantes também experimentaram o uso de turbantes; símbolo de identidade e resistência da cultura negra; fizeram murais com o grafismo africano inspirado na tecelagem Adinkra, conheceram as pinturas murais da tribo Ndebele, as máscaras rituais

de alguns povos subsaarianos e a filosofia Ubuntu. Conversamos sobre racismo e “descobrimos” que não se trata de uma “simples brincadeirinha ou piada”, mas se configura como um crime inafiançável e imprescritível, pois se configura como um crime que viola os direitos humanos e atenta contra a humanidade e a democracia, sujeito à pena de reclusão perante à lei.

Imagem 3 – Carimbos usados na tecelagem Adinkra



Fonte: Google

Imagem 4 – Tecido sendo



Fonte: Google

O resultado de todas as conversas, vivências, experiências e afecções que tivemos durante as aulas pode ser observado nas imagens a seguir. O primeiro desenho foi uma produção individual e o mural, coletivo. São criações repletas de sensibilidade, afetos, simbologias, modos de 'sentirfazerpensar', tessituras coletivas de autoafirmação e resistência, reconhecimento e emancipação. Que somente fez sentido a partir do sentimento de pertencimento à cultura afro-brasileira pelos próprios estudantes.

Imagem 5 – Atividade sobre identidade afrobrasileira



Fonte: Arquivo pessoal: produção de uma aluna

Imagem 6 – Atividade sobre Grafismo



Fonte: Arquivo pessoal: mural produzido por estudantes do 5º ano

Nada os foi imposto. Nenhuma palavra ou conhecimento prévio foi encarado como um erro. O caminho escolhido para essa ressignificação foi a averiguação; através da pergunta inicial; de como suas vivências, experiências e identidades estão sendo construídas nos diferentes "espaçostempos" e nas redes que os formam e pelos quais são formados. E numa construção coletiva e múltipla de outras possibilidades e memórias, cabelos, corpos e vozes negras se impuseram, lindamente como uma potência estética e criativa, emaranhada nas ecologias cotidianas, indômita de sobrevivência. Aprendemos mutuamente, sem anulações ou julgamentos.

Imagem 7 – Provérbio Africano



Fonte: Facebook

Novos modos de 'fazeressaberes' foram permitidos pelo diálogo, pelas afetações e fruições éticas, estéticas e políticas e pela produção e uso das artes e de diversos artefatos culturais - vídeos, imagens, literatura e animações. E assim o conteúdo que seria apresentado em quatro semanas se estendeu por quase quatro meses.

Referências:

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019, p.115-134.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

Sobre as autoras:

Talita Malheiros - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília (UnB). Atua como professora de Artes Visuais da Educação Básica (SME/RJ). Integrante do GrPesq "Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons" da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: tatamalheiros@yahoo.com.br

Rafaela Rodrigues da Conceição - Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPG-EDU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Pedagoga pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua como docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede particular de ensino e no Colégio Pedro II. Integrante do GrPesq "Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons" da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: prof.rafaelarodrigues@gmail.com